

Organização
Secção de Sociologia da Educação da
Associação Portuguesa de Sociologia

Co-organização
Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES-ISCTE)

Lisboa, 23 e 24 de Janeiro de 2009

Actas do Encontro Contextos Educativos na Sociedade Contemporânea

2ª Edição

Vol. II – *Posters*

Local

Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE)

Apoios

FUNDAÇÃO PARA A CIÊNCIA E À TECNOLOGIA

FCT

Fundação para a Ciência e a Tecnologia
REPUBLICA PORTUGUESA

DIRECÇÃO-GERAL DE INOVAÇÃO E
DESENVOLVIMENTO CURRICULAR
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

dgide

Direcção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular

CENTRO DE INVESTIGAÇÃO
E ESTUDOS DE SOCIOLOGIA

cies

Centro de Investigação e Estudos de Sociologia
ISCTE - INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DO TRABALHO E DA EMPRESA

INSTITUTO CERVANTES DE LISBOA



CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS



EMBAIXADA DOS E.U.A.



Encontro

Contextos Educativos na Sociedade Contemporânea

Local

Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa

Data

23 e 24 de Janeiro de 2009

Comissão Organizadora

*Pedro Abrantes (coord.), Ana Diogo, Alexandra Aníbal,
Rosa Moinhos, Hugo Mendes, Tiago Caeiro e Luísa Quaresma*

Comissão Científica

*António Firmino da Costa, Almerindo Janela Afonso,
João Teixeira Lopes, Pedro Silva e Maria Manuel Vieira*

Organização

Secção de Sociologia da Educação da Associação Portuguesa de Sociologia

Co-organização

Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES-ISCTE)

Apoios

Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa

Fundação para a Ciência e a Tecnologia

Embaixada dos Estados Unidos da América

Instituto Cervantes

DGIDG/Ministério da Educação

Sobre as actas (2ª edição)

ISBN: 978-972-95945-6-4

Editor: Secção de Sociologia da Educação da Associação Portuguesa de Sociologia

Publicação electrónica

2 volumes

Novembro de 2009

28.

[POSTER]

A utilização da Internet por crianças e jovens: educação ou perda de tempo, risco ou oportunidade?

Ana Francisca Monteiro & António José Osório

Instituto de Estudos da Criança, Universidade do Minho

Resumo

A utilização da Internet por crianças e jovens tem colocado a escola, bem como a família, perante um conjunto vasto de desafios. Reclama-se a segurança dos mais novos quando estes acedem à Internet e o melhor aproveitamento das oportunidades que ela pode oferecer. Contudo, o contributo que a denominada aprendizagem informal pode dar para o contexto escolar ainda está por averiguar. Apesar de se considerar que as crianças e jovens são peritos no uso de novas tecnologias, que competências são essas e de que forma podem ser positivamente integradas na educação escolar permanece em grande parte desconhecido. Paradoxalmente, parece igualmente prevalecer a ideia de que essa agilidade e predisposição para lidar com os novos media não correspondem a experiências educativas, sendo apenas puro lazer ou até perda de tempo. Da escola espera-se ainda que responda eficazmente à reclamada prevenção relativamente aos riscos da Internet. Esta problemática reveste-se de maior importância à medida que também os lares e as escolas portuguesas vão potenciando o acesso à Internet em grande escala. Com as políticas públicas de distribuição de computadores portáteis com acesso à Internet a crianças e jovens, estão inclusive criadas as condições para que a sua utilização se faça cada vez mais cedo e de uma forma bastante autónoma e livre. Sustentada numa investigação para doutoramento sobre esta temática, este texto pretende desenhar com mais clareza alguns dos contornos das preocupações em torno da relação crianças, jovens e Internet.

Avaliar e promover oportunidades proporcionadas pela Internet e prevenir os riscos²⁴ que ela pode representar para crianças e jovens não é um exercício universal. Encarar com realismo esta problemática passa por ter em conta também características sócio-culturais e educacionais da apropriação da Internet, condições de acesso e utilização da tecnologia, noções de risco e oportunidade, entre outros aspectos. No limite, cada caso reveste-se de características únicas, mas a investigação nesta área tem vindo a apontar tendências que nos ajudam a descrever a relação que as crianças e jovens portugueses têm vindo a desenvolver com as tecnologias, nomeadamente a Internet.

Entre as gerações portuguesas mais jovens o acesso à Internet começa a acontecer cada vez mais cedo, aos 10 anos ou antes (Cardoso, Espanha, & Lapa, 2007, p. 45) e o entusiasmo parece existir mesmo em crianças que ainda não dominam a leitura e a escrita (Barra, 2004; Cruz, 2004). Os mais novos preferem navegar na Web em casa (86%, de acordo com o E-Generation), onde o fazem com mais liberdade e mais autonomia do que, por exemplo, na escola (CICCOM, 2006) ou em espaços públicos como cybercentros ou cybercafés, nos quais consideram existir até uma violação da sua privacidade (Candeias, 2008, p. 89). A este dado não será também alheio o facto de o apetrechamento tecnológico dos lares portugueses ser, na senda de outros países europeus, uma tendência. Segundo o Instituto Nacional de Estatística (INE), 48,3% dos lares portugueses tinham, no primeiro trimestre de 2007, pelo menos um computador (de secretária, portátil ou PDA) e 39,6% dispunham de ligação à Internet (INE, 2007). As políticas públicas de distribuição de computadores portáteis (E-escola e e-escolinha) e os telemóveis com acesso à Internet podem no entanto vir a promover um acesso à rede mais móvel. Começar a utilizar a Internet parece ocorrer na escola (Cardoso, Espanha, & Lapa, 2007, p. 66) mas aprender e dominar a tecnologia ocorre de modo informal (2007, p. 58; INE, 2007, p. 7). O tipo de uso difere ainda quando a navegação se faz a sós ou em conjunto. (Barra, 2004, p. 107). Candeias sugere que os rapazes preferem navegar em conjunto com outros pares e as raparigas a sós (2008, p. 84). Contudo, o E-Generation aponta para um uso predominantemente solitário, independentemente do género (2007, p. 54). Barra recusa no entanto que a Internet isole as crianças, advogando estas que esta se constitui como elemento de interacção entre pares (2004, p. 170).

Ainda segundo o E-Generation, entre as actividades preferidas dos mais novos parecem estar visitar páginas Web, chat ou Messenger e correio electrónico, sendo que nas faixas etárias mais baixas as preferências recaem ainda sobre os jogos online e nas mais altas sobre o download de música, software, filmes, etc (p. 80). O Mediappro (CICCOM, 2006) apontava também para uma utilização dos motores de pesquisa, para fins escolares. A pesquisa qualitativa e alguns contactos informais levam-nos ainda a reconhecer a utilização da rede social Hi5 como uma forte tendência entre os jovens e entre as crianças portuguesas, assim como a visualização de vídeos no You Tube.

Equilibrar riscos e oportunidades

Dados deste tipo parecem realçar, por exemplo, que a escola ainda não conseguiu absorver o entusiasmo que as tecnologias geram nos mais novos, permanecendo desconhecido o contributo que a aprendizagem informal (nomeadamente no caso do domínio técnico das ferramentas tecnológicas) pode encerrar; que ainda que a escola proíba e submeta a regras o uso da Internet isso não impede que os mais novos alcancem os seus objectivos (como fazer downloads), sendo eles adequados ou não, nocivos ou não, positivos ou negativos; que “o maior risco da Internet não deriva do seu uso, mas sim do seu “não uso”” (Ponte & Vieira, 2007, p. 14).

²⁴ O projecto europeu EU Kids Online operacionaliza os conceitos de risco e oportunidades definindo os diferentes papéis que o utilizador pode assumir, designadamente receptor, participante e actor, remetendo cada um deles para experiências relacionadas, respectivamente, com conteúdos, contactos e conduta. Associados a diferentes motivos, a intersecção destes factores poderá então resultar em diferentes experiências positivas e negativas (Hasebrinketal, 2007) – Ver quadro em anexo.

O equilíbrio entre riscos e oportunidades é efectivamente delicado e trabalhos empíricos têm inclusive notado que a acumulação de experiência aumenta a exposição ao risco mas também a noção de como lidar com ele. Para Livingstone e Bober, o projecto de investigação UK Children Go Online mostra que “those with greater internet literacy take up greater online opportunities and, perhaps more surprisingly, encounter more risks also” (2003, p. 112). Neves corrobora e acrescenta: “Quem apresenta um uso mais amplo e intenso da Internet, em regra também transmite uma percepção do risco bastante aguda. Estes são os inquiridos que levam a exploração da rede para lá das oportunidades aceites como seguras e convenientes (sobretudo os adolescentes). São também eles que dão mostras de saber como lidar com os riscos, algo que radica nas experiências acumuladas na rede. Por outro lado, quem explora menos as utilizações possíveis da Internet manifesta uma noção do risco online pouco substancial (2008, pp. 47, 48). Na mesma lógica, Candeias refere que os jovens que se consideram mais competentes correm mais riscos na medida em para tal se predispõe: “os adolescentes mais habituados ao online manifestaram ser também os que mais riscos aceitavam correr” (2008, p. 120). A autora nota ainda que este comportamento foi, neste estudo exploratório, mais evidente nas raparigas.

À semelhança de Livingstone e Bober, que no estudo UK Children Go Online identificam um desencanto pelo uso dos chats para conversar com desconhecidos (2003, p. 17), também Neves associa o mesmo desencanto, em jovens portugueses, à sensibilização para os riscos que estes representam: “É perceptível que a maioria dos inquiridos com alguma experiência online associa risco ao uso de chats, o que poderá justificar o uso tão circunscrito aqui observado” (2008, p. 35). No entanto, as mesmas crianças e jovens entendem poder ser uma oportunidade conhecer pessoas através da Internet e reconhecem ter estado envolvidas em encontros com estranhos que correram mal, caracterizando essas experiências como aventuras. Embora conscientes dos perigos, as crianças parecem então dispostas a corê-los, em prol das oportunidades que neles vêm. Estas estarão fortemente relacionadas com a aceitação e afirmação entre pares, cujos moldes, ainda que não totalmente dissociados, divergem da sociabilidade offline: “Both online and offline networks operate through intricate processes of social inclusion and exclusion, but the hierarchies spurred by digital practices are often different from the ones found at school since they adopt different markers of success” (Drotner, 2007, p. 177). A longo prazo, apoiar ou limitar a relação entre crianças, jovens e Internet terá repercussões no seu futuro enquanto cidadãos activos e socialmente integrados: “As a society, we need to figure out how to educate teens to navigate social structures that are quite unfamiliar to us because they will be faced with these publics as adults, even if we try to limit their access now” (Boyd, 2007, p. 138).

Face à difícil batalha de tentar esconder dos mais novos os perigos que a Internet encerra e sob pena de incorrer num dos maiores, que é a limitação das experiências positivas, o balanço saudável entre riscos e oportunidades da Internet parece passar então, pelo menos em parte, por uma valorização dos resultados positivos e uma consciencialização realista dos aspectos negativos que estar online pode representar. Conhecer e compreender melhor essas experiências será, tal como também afirma Boyd, um passo essencial para alcançar esta meta: “Perhaps instead of trying to stop them or regulate usage, we should learn from what teens are experiencing” (2007, p. 138). Na sociedade portuguesa o desafio de orientar as crianças e jovens depara, contudo, com um grande obstáculo: os baixos níveis de alfabetização e de domínio das tecnologias da população adulta. Os jovens, principalmente, definem-se como especialistas no que diz respeito à tecnologia, pelo menos em comparação com os pais. No estudo E-Generation, as camadas mais jovens entendem ser os que mais utilizam a Internet (57,9%), tendo apenas 16,1% associado esse papel aos pais ou irmãos mais velhos (Cardoso, Espanha, & Lapa, 2007, p. 70). Os pais reconhecem não conseguir acompanhar a utilização que os seus filhos fazem de ferramentas como o computador, a Internet e o telemóvel e entendem que os filhos possuem os conhecimentos necessários. No inquérito do Eurobarómetro 2006, apenas 9% dos inquiridos portugueses (pais ou pessoas com menores a seu cargo) afirmou definir regras para o uso da Internet (relacionadas sobretudo com o tempo de uso e sites proibidos), 56% reconheceram não acompanhar os mais novos quando estes estão na Internet e 48% entendem que os mais novos sabem o que fazer quando uma situação decorrente da utilização da Web os faz sentir desconfortáveis. A maioria destes inquiridos definiram-se a si próprios

como utilizadores com um nível intermédio de conhecimentos sobre navegar na Internet e consideraram que as crianças não encontraram conteúdos nocivos ou ilegais online (Eurobarometer Survey, 2006).

Desafios para a investigação

Estas e outras questões estão em cima da mesa e necessitamos de um conhecimento bastante mais consistente sobre o que efectivamente as crianças e os jovens fazem quando estão online. Em causa está não só o modo como estão em risco, mas também a validade educacional ou lúdica das apropriações que autonomamente têm moldado, sendo que os cruzamentos e influências recíprocas entre conhecimento e economia são igualmente incontornáveis. Trata-se sobretudo de encontrar um equilíbrio saudável entre benefícios e malefícios. É mais importante do que saber como, quando e com que frequência acedem os mais jovens à Web, parece ser perceber o que procuram e porquê, o que aprendem, que concepções desenvolveram sobre os perigos que isso comporta e como reagem a essas situações. Além das questões de acesso e preferências, importa também saber as implicações destes usos das novas tecnologias na construção de identidades, na regulação de conflitos, na formação de valores, no conceito de grupo e respectivas repercussões sociais. Já referimos igualmente a necessidade de atender à identificação das competências ou capacidades exigidas pela sociedade do conhecimento, ou seja, garantir a promoção de uma efectiva literacia digital.

Neste complexo mapa de desafios, que se renova rápida e continuamente, descobrir estratégias que nos encaminhem na direcção certa não parece então caber apenas ciências da Educação, mas também à Psicologia, à Sociologia, à Comunicação, entre outras disciplinas. Encontrar um equilíbrio neste enredo pressupõe a intervenção de vários actores sociais: educadores, pais, legisladores, fornecedores de serviços, produtores de conteúdos, indústria e comunicação social. No centro, estão as próprias crianças e a forma como seremos capazes de as ajudar a, autonomamente, tirar o melhor partido possível da oportunidade de estar online.

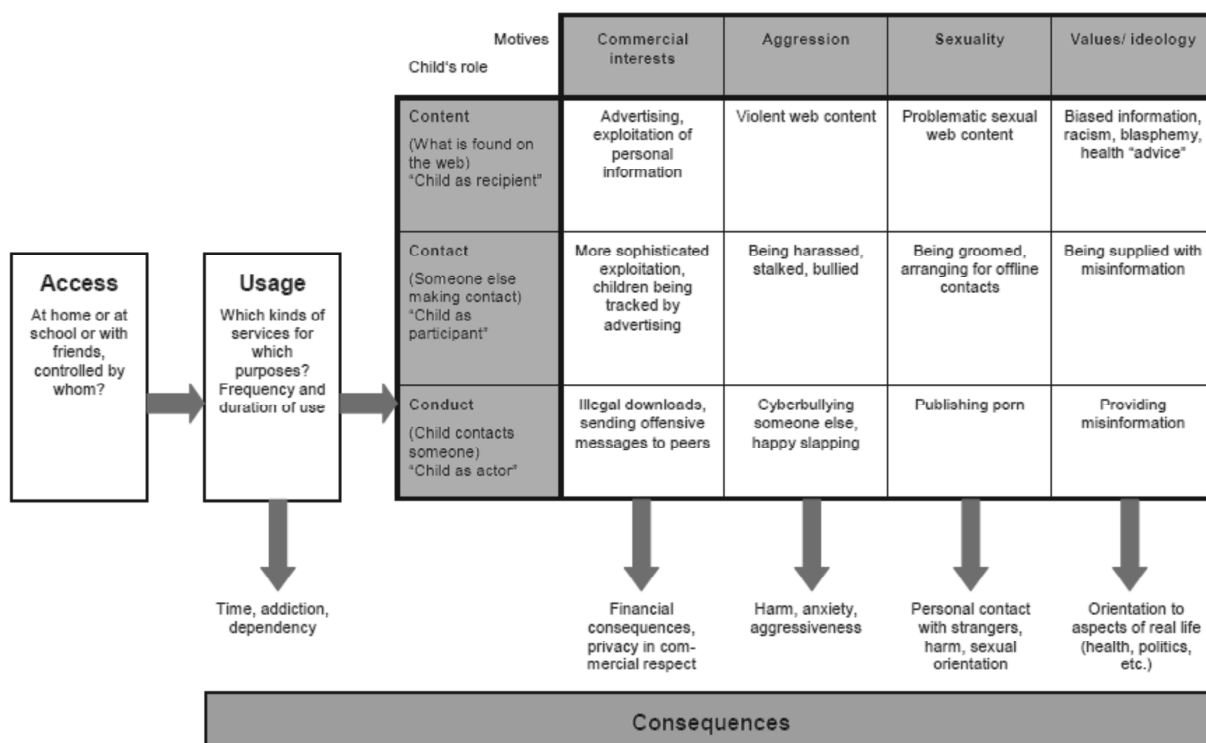
Bibliografia

- Barra, M. (2004). *Infância e internet: Interações na rede*. Azeitão: Autonomia: 27.
- Boyd, D. (2007). Why youth (love) social network sites: The role of networked publics in teenage social life. In D. Buckingham (Ed.), *Youth, Identity, and Digital*. Cambridge: The MIT Press.
- Candeias, C. (2008). Crianças e Internet: Na balança dos riscos e oportunidades.
<http://www2.fcsh.unl.pt/eukidsonline/docs/TeseCatiaCandeias.pdf> (consultado na Internet em 11 de Novembro de 2008)
- Cardoso, G., Espanha, R., & Lapa, T. (2007). E-Generation: Os usos de media pelas crianças e jovens em Portugal. <http://cies.iscte.pt/destaques/documents/E-Generation.pdf> (consultado na Internet em 02 de Junho de 2008)
- CICCOM. (2006). Mediappro: Apropriações dos novos media, jovens europeus do 12 aos 18 anos . Consultado em 20 de Junho de 2007
http://www.esse.ualg.pt/cicom/Mediappro_Portugal.pdf. (consultado na Internet em 20 de Junho de 2008)
- Cruz, M. G. (2004). Integração da World Wide Web nas actividades do jardim de infância: Análise do envolvimento das crianças de 5 anos. Consultado em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/dspace/bitstream/1822/929/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf> (consultado na Internet em 01 de Outubro de 2008)

- Drotner, K. (2007). Leisure is hard work: Digital practices and future competencies. In D. Buckingham (Ed.), *Youth, Identity, and Digital*. Cambridge: The MIT Press.
- INE. (2007). Sociedade da informação e do conhecimento: Inquérito à utilização de tecnologias da informação e da comunicação pelas famílias 2007. http://www.ine.pt/ngt_server/attachfileu.jsp?look_parentBoui=9944196&att_display=n&att_download=y (consultado na Internet em 06 de Maio de 2008)
- Livingstone, S., & Bober, M. (2003). UK Children Go Online: Listening to young people's experiences. <http://eprints.lse.ac.uk/388/1/UKChildrenGoOnlineReport1.pdf> (consultado na Internet em 24 de Novembro de 2008)
- Neves, M. (2008). Crianças e comunicação online: Pistas para uma prevenção precoce do risco. <http://www2.fcsh.unl.pt/eukidsonline/docs/TeseMestradoMartaNeves.pdf> (consultado na Internet em 24 de Novembro de 2008)
- Ponte, C., & Vieira, N. (2007). *Crianças e internet, riscos e oportunidades: Um desafio para a agenda de pesquisa nacional*. Comunicação apresentada no 5.º Congresso da SOPCOM, Braga.
- Eurobarometer Survey (2006). Special EUROBAROMETER 250 "Safer Internet". http://ec.europa.eu/information_society/activities/sip/docs/eurobarometer/eurobarometer_20_05_25_ms.pdf (consultado na Internet em 19 de Agosto de 2008)

Anexos

Quadro I. Riscos



Fonte: EU Kids Online

Quadro II. Oportunidades

	Education and Learning	Participation and civic engagement	Creativity	Identity and social connection
CONTENT (child as recipient)	. Websites supporting children's learning	. Websites supporting children's participation	. Websites encouraging children to be creative, showing them how to be creative	. Websites providing helpful information on relevant issues, e.g. health, social relations, values, etc
CONTACT (child as participant)	. Forms of contact with others that support children's learning, platforms for collaborative learning	. Forms of contact with others that support children's participation	. Forms of contact which encourage collaborative creative activities	. Platforms for meeting peers with the same interests and for building communities
CONDUCT (child as actor)	. Forms of learning initiated by the child	. Forms of participation initiated by the child	. Children being creative online	. Children initiating communication on relevant issues and community building

Fonte: EU Kids Online